

V SIANCO



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANÁLISE COGNITIVA 15 a 19 de setembro de 2025

Temática: O campo multirreferencial da Análise Cognitiva: Tendências e desafios na atuação profissional

Organização **Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento**



Apoio



Financiamento



RESUMO EXPANDIDO

EIXO TEMÁTICO: Difusão do Conhecimento

Contribuições e o impacto da difusão do conhecimento para o território quilombola e suas epistemologias.

Carla Ferreira¹

INTRODUÇÃO

Este resumo visa refletir as contribuições e a importância da geração e difusão do conhecimento para o território quilombola e suas epistemologias, como mecanismo cognitivo coletivo e basilar da resistência e da luta no quilombo. Através de suas práticas culturais, sociais e históricas as comunidades quilombolas resistem aos processos do colonialismo moderno, utilizando os conhecimentos tácitos individuais e coletivos como elemento de cognição sustentando e constituindo a epistemologia quilombola no processo de emancipação do povo e na constituição de sua cidadania. A partir da pesquisa em andamento no PPGDC/UFBA, a pesquisadora propõem um debate acerca das epistemologias quilombolas e os aportes da difusão do conhecimento com elemento fortalecedor da luta ancestral quilombola por acesso à direitos fundamentais como o direito ao território.

Os quilombos se constituíram a partir de seus processos históricos, sociais e políticos, porém foi se reinventando de acordo com as dinâmicas sociais e políticas, como bem aponta CUNHA (1986). Através da relação comunitária e suas simbologias

¹ Estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC - UFBA), Pedagoga e atualmente exerce a função de especialista em gestão do conhecimento no projeto Parceiros da Mata - executado pela Companhia de Ação e Desenvolvimento Regional - CAR - ligada a Secretaria de Desenvolvimento Rural do estado da Bahia - SDR.

reais ou imaginadas, com sua ancestralidade, os membros das comunidades quilombolas, mantêm e preservam seu processo identitário de forma ideológica, política e cultural. Na pesquisa aqui difundida esses elementos são investigados como a base epistemológica para a manutenção e fortalecimento da identidade, luta e cidadania quilombola.

O contexto quilombola é diverso, complexo e multifacetado. Exigindo da sociedade e do Estado uma visão integrada, contextualizada e multirreferenciada (FRÓES: 2022) na consolidação dos direitos e sobrevivência quilombola. A compreensão deste contexto exige nos aprofundarmos nos mecanismos que permeiam a prática de vida quilombola, através do estudo de sua epistemologia.

Edgar Morin (2008), com a introdução ao pensamento complexo, delinea alguns pressupostos teóricos, evidenciando componentes de fundamentação e concepção do que vem a ser a complexidade. Para Morin, o pensamento complexo reconhece o mundo numa perspectiva de ecossistemas, que reconhece o sujeito como um ser pensante.

No contexto quilombola, Morin nos leva a crer que o sujeito e o território são constitutivos um do outro, inseparáveis através de um mecanismo auto-organizado / ecossistemas, onde cada um se reconhece e é integrada no horizonte de realidade mais vasto numa relação atávica que para Morin:

O sujeito deve permanecer aberto, desprovido de um princípio de decidibilidade nele próprio; o objeto deve permanecer aberto, de um lado sobre o sujeito, de outro lado sobre seu meio ambiente, que por sua vez, se abre necessariamente e continua abrir-se para além dos limites de nosso entendimento (MORIN, 2008, p. 68).

Mariléia de Almeida (2022), ao tratar sobre os quilombos como *territórios de afeto*, nos remete a compreensão de experiências fundamentais que são o pilar das relações territoriais e fazem parte de sua epistemologia, que se utilizam dos saberes historicamente construídos resignificando saberes a partir da relação com o mundo. Para Mariléia, não há separação entre o agir e o pensar dos quilombolas:

Percebendo as capturas racistas e sexistas, as lideranças quilombolas colocaram no centro da luta pela terra a transmissão de saberes como forma de construir subjetividades outras, fortalecidas pelos laços de solidariedade e pelas relações que estabelecem como o território. (ALMEIDA, 2022, p. 343)

Aqui o conhecimento é colocado como elemento essencial, para não só a garantia de direitos como para o enfrentamento da colonialidade.

A perspectiva da decolonialidade e do pensamento afrodiaspórico, nos remete a compreensão de que trata-se de um processo de construção de um projeto coletivo e em movimento contínuo pela construção de outra sociedade que rompe com a lógica dominante colonial do poder, do ser e do saber que segrega, como afirma MALDONATO, 2019, P. 29):

“a decolonialidade como uma luta viva que no meio de visões e maneiras competitivas de experienciar o tempo, o espaço e outras coordenadas básicas da subjetividade e sociabilidade humana, precisa de uma abordagem diferente”.

O que nos remete a analisar criticamente como pesquisadoras, sobre como os quilombolas têm construídos estratégias epistemológicas de superação e enfrentamento das desigualdades raciais, sociais, ambientais e políticas em seu tempo, espaço e subjetividades, sobretudo no contexto do Brasil a partir da Bahia.

A difusão do conhecimento neste processo, é entendida como a habilidade de transformar o conhecimento teórico ou prático em ferramenta que possibilite sua utilização útil em determinado seguimento e necessidade de vida cotidiana.

Para Nonaka e Takechi (2008), o processo de difusão do conhecimento passa por 04 (quatro) modos de conversão, iniciando pela socialização, sendo: *“socialização, externalização, combinação e internalização”* (p.20).

Assim, através de ferramentas que permitam socializar e combinar essas categorias, novos conhecimentos são gerados, a partir dos aprendizados ocorridos na prática dessas ações combinadas.

Com base em Stuart Hall (2005), compreende-se que há um processo contínuo de construção da identidade cultural, principalmente na perspectiva coletiva, onde a dinâmica sociocultural é uma das responsáveis pela construção da identidade.

Numa perspectiva atual de vida comunitária alicerçada numa identidade cultural, evidencia HALL, (2005) que:

a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento, ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo” sempre sendo formada. (HALL, 2005, p. 38)

Neste sentido é importante refletir sobre as concepções de cultura, seja dos agentes exógenos como das próprias pessoas das comunidades, há que se averiguar como traz CUNHA (2009), *as reflexões contraditórias dessa visão e linguagem sobre a cultura*. Os povos tradicionais desenvolvem estratégias para dialogar inclusive com esses agentes, a exemplo, do Estado que possui uma visão estereotipada e universalista da cultura e do povo quilombola.

A identidade, as práticas, costumes, jeito *próprio e apropriado* (GALEFFI, 2014) de ser e de viver em seu território, configuram a epistemologia quilombola, que perpassa pela compreensão e consciência de si e de sua ancestralidade no passado, presente e futuro, é a ancestralidade que *molda a cultura e a identidade de um povo* (SODRÉ, 2017).

A pesquisa em andamento, ainda não nos permite ter conclusões já estabelecidas sobre as questões que norteiam a construção do conhecimento em todas as dimensões produtivas, sociais, econômicas e políticas no território quilombola.

Porém, é possível inferir que ao compreender esses conceitos, percebe-se como a existência histórica das comunidades quilombolas principalmente, foram desprezadas pela modernidade. O mais assustador é que essa mesma sociedade moderna assume um papel de formulador de políticas públicas para essa população historicamente excluída e dominada pelos os mesmos colonizadores que naturaliza, mantém e legitima as desigualdades.

O movimento decolonial nos permite compreender duas grandes questões estruturantes. A primeira como afirmou Quijano, 2015, a manutenção da colonização em suas várias dimensões, e a segunda como afirma Torres, 2019 a constatação de que o colonialismo continua existindo mesmo com seu fim formal, mesmo com a independência política e econômica.

E as políticas públicas ainda que em algumas experiências e formulações surjam das necessidades dos movimentos populares e negros, a partir de suas lutas e resistência, ainda são formuladas pelos colonizadores com suas bases e práticas coloniais. Que evidenciam a *“forma moderna de colonização”*. (Torres, 2019, p. 36).

Portanto, é necessário voltar as bases tácitas, as relações atávicas entre as comunidades quilombolas, seus territórios e constructos sociais, históricos e políticos para construção de uma epistemologia quilombola cosmológica e emancipadora que emerge da própria população.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Etnicidade: da cultura residual, mas irreduzível**. In: Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Cultura com aspas: E outros Ensaio**s. São Paulo: Cosac&Naify, 2009.

Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico / organizadores Joaze Bernadino Costa, Nelson Maldonado Torres, Ramón Grosfoguel. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. (coleção cultura negra e identidade).

GALEFFI, Dante; SIDNEI Roberto; BARBOSA Joaquim. **Criação e devir em formação**. 1ª ed. EDUFBA. 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10ª Ed. Rio de Janeiro: LP&A, 2005.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 5. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

SODRÉ, Muniz: **Pensar nagô**. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes Ltda, 2017.

Takeuchi, Hirotaka **Gestão do conhecimento** [recurso eletrônico] / Hirotaka Takeuchi, Ikujiro Nonaka; tradução Ana Thorell. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Bookman, 2008.